

GAZETA JATIQUEIRA GUERRA É GUERRA

Guerra é guerra, dizia a Madre Superiora, e foi assim que começamos a trabalhar o texto de Mário Brasini. Há muito tempo já estávamos cansados de buscar um texto que nos permitisse uma experiência rica em termos de teatro popular brasileiro.

Durante quase trinta trabalhos esforçamo-nos em procurar dar o melhor ao público. Isto era o primeiro ponto para conceituar a nossa maneira de ver o teatro popular.

Discutimos muito e, de repente, pintou uma série de idéias que foram se encaixando. Nosso texto da Guerra era ingênuo, diriam alguns. Mas há momentos em que nosso próprio crescimento exige rupturas. E assim surgiu o descaramento da "Guerra Mais ou Menos Santa".

As figuras foram distorcidas e existe até um certo dilaceramento grotesco das personagens estereotipadas até o último ponto. O prefeito, o padre, os candidatos e as prostitutas são personagens alegóricos e assim começa nossa parábola.

A abertura situa a luta que vai começar. Os quadros interligados possuem músicas opinativas e deram o clima de gozação.

Para a realização deste trabalho foram realizadas pesquisas de campo, assim como entrevistas com várias prostitutas. Só depois de descobrir o lado humano das personagens, partimos para a caricatura.

"A 'guerra' é um texto para se brincar em cima dele e recriar" com esta palavra Mário Brasini, o autor, definiu seu texto. Foi assim que resolvemos brincar com esta guerra muito menos santa. Filó passou a representar um grupo social oprimido pela intolerância de Pe. Neto. Juca, o prefeito, personifica uma espécie de "surfista" que faz tudo para permanecer em cima da onda do poder. Clodomira e uma mulher sectária, porém tão política como o marido. Mattoso procura um mundo equilibrado que não o faça cair do cavalo. Com a guerra a cidade se reparte e as tropas sitiadas em casa de Filó passam a ser comandadas pelo major Feliciano Batista. A vitória concretiza uma formulação popular: "quem não arrisca não petisca", e Filó é a grande vencedora, porque mostrou que os tempos são outros e que mesmo numa cidadezinha qualquer, como Jatiqueri, pode-se eliminar a tirania anti-democrática de seus líderes.

A guerra foi uma forma de "criticar, rindo, homens e costumes" e um trabalho de liberação. Durante seis meses os atores ouviram opiniões e depoimentos de prostitutas, recortaram jornais com notícias políticas de pequenas cidades do interior e analisaram a situação de pequenas e grandes cidades, no momento de uma disputa eleitoral, quando o jogo é aberto, mas muito maquiavélico.

As revistas de Walter Pinto deram uma certa inspiração. O carnaval ajudou no figurino. O cenário foi esquemático e preparado para viagens, pois temos um longo caminho a percorrer. A música, pesquisada de maneira fortemente brasileira, incorpora a forma urbana. Jatiqueri é uma pequena cidade de 300 mil habitantes e uma enorme solidão em seus líderes que temam, desesperadamente, em incorporar o poder a uma realidade eterna. O que é impossível.

2 Há textos que apenas envelhecem. Outros ficam escondidos, esquecidos dentro das estantes e, de repente, ressurgem com uma força revigorada. Às vezes são conjunturas novas, às vezes situações repentinas, ou então nos habituamos tanto com as conjunturas que não somos capazes de encará-las com o olhar arguto do observador dramático.

"A Guerra Mais ou Menos Santa", de Mário Brasini é um destes casos. De tão familiar a temática parece, à primeira vista, inconsistente. É fácil aceitar os vai-e-vens dos posicionamentos políticos, é cômodo conviver com a discriminação social, com o abuso do poder, com os valores aparentes.

Entretanto, quando se abre um jornal como O Globo, no ano da graça de 1976, precisamente no dia 7 de outubro, e se depara com o título: "Em Minas, vigário adverte: ou votam na Arena-2 ou ele sai", a problemática do Padre Neto adquire uma proximidade repentina. No corpo da matéria publicada, esta aproximação fica ainda mais assustadora, quando, citando textualmente a carta aberta do vigário de São Gonçalo do Abaeté, lê-se claramente: "Não se deve votar em candidato que não seja honrado e honesto, ficando portanto fora todos aqueles que são amasiados, não legitimamente casados, que não respeitem a mulher alheia, que façam propostas indecorosas, que tenham sido processados ou estejam cumprindo processo, que sejam escandalosos, golpistas ou ameaçadores."

E a surpresa não pára aí. Aquilo que, rotulado de "Folclore eleitoral", povoa os jornais nesta vigília que precede ao 15 de novembro, fornece amplo material de estudo. "O eleitorado de Santo Antônio do Monte - a 140 quilômetros da capital - vai escolher entre a Indústria Brasileira de Fogos e Fabrica de Foguetes Confiança, ambas conceituadíssimas no ramo, principalmente entre a meninada do Oeste de Minas. A primeira é representada pelo candidato da Arena-1, Antônio Rodrigues de Melo, o Tonico Baeta, ex-pessedista. A segunda pelo candidato da Arena-2, Getúlio de Oliveira, igualmente ex-pessedista. O MDB não tem fábrica de foguetes nem candidato."

A ironia do repórter, que passa despercebida ao leitor comum, entretanto, tem muito do sabor do texto de Mário Brasini. E se se conseguir

um distanciamento objetivo e crítico, ver-se-a que Jatiqueri do Campo se apresenta subitamente ampliada para atingir os limites de um país, de uma época atual. Coronel Matoso continua a se preocupar com o "equilíbrio do (seu) mundo", a "não querer aparecer" e a ditar todas as ordens. E para cada Matoso, existirá um Leão disposto a repetir maquinalmente estas ordens.

Velhos ou novos fuzis reacenderão guerras tão velhas como a de Padre Neto contra as "meninas da Filó". Feliciano responderão à bala e, no final das contas, existirá sempre presidentes de Sociedades das Mães Solteiras para "tomar chá e receber flores". É tudo tão cotidiano, tão vizinho, que é preciso muita magia e dramaticidade para abrir os olhos tapados pela vizeira do comodismo, para que ainda se possa afirmar que uma simples troca de coloridos camurantes traga a transformação desejada e que um eleitorado não se importa com partidos ou candidatos, quer apenas fazer uma nova experiência.

Para um povo tão facilmente iludível, um povo tão desesperado de seus homens e suas instituições, é preciso reacender a força da comédia de Mário Brasini, para que ele aprenda, como Filó, a dizer "daqui eu saio, mas da cidade não."

Grupo Divulgação apresenta

A GUERRA MAIS OU MENOS SANTA
de Mário Brasini

PERSONAGENS

Padre Netto	-Luiz Marcos Sinhoretto
Crisanto	-Alberto Coura
Prefeito	-Cleber Ambrósio
Filomena	-Virginia Calaes Arbex
Clodomira	-Virginia Paes
Major	-José Luiz Ribeiro
Coronel	-Luiz Marcos
Meião	-José Renato Pippa
Vanice	-Heloisa Sotto Maior
Nely	-Heloisa Helena Patrocínio
Humberta	-Manot Medina
Eustáquia	-Marjane Campos
Eduarda	-Virginia Paes
Luz	-Neise Borges
Som	-Celia Sobral
Figurinos	-Malu Rocha Ribeiro
Cenário e Direção	-José Luiz Ribeiro



COMÉDIA BRASILEIRA: TEATRO POPULAR - MANIFESTO

Ao analisar a preferência do brasileiro por espetáculos fortes e violentos como o futebol e pela sede do visual, como acontece com as escolas de samba. Nós sentimos a nostalgia do brilho dos palcos de revista da Praça Tiradentes e da forma opinativa que dava direito a crítica.

É da índole do brasileiro a crítica ao poder público e a ordem constituída. Assim é que a necessidade de satirizar está no fundo da psicologia do brasileiro. Ele é irreverente por natureza e sua visão alegre distorce o fato, dando até uma dimensão de humor negro às maiores catástrofes. Político por natureza, ele tem necessidade de questionar o mundo à sua volta.

No momento em que se busca as raízes populares do teatro brasileiro, encontramos as danças dramáticas, em sua mais alta significação, com um alto grau de crítica social. Um bumba-meu-boi, partindo de sua estrutura esquemática atinge uma crítica visceral, não respeitando a moral imposta e violentando, através da crítica, os opressores. Assim, o coronelismo sofre, a igreja leva sua carga e as profissões liberais são ridicularizadas.

Neste segmento temos o velho folião brasileiro que, durante anos, aguardava o direito de se vestir de sujo e ridicularizar a falta d'água, a crise do custo de vida, ou as pressões sociais.

Resta, ainda, a blague popular de assuntos sérios, quando a piada coloca os homens públicos em seu devido lugar, correspondendo, assim, a um juízo sincero e verdadeiro.

Para um povo amante das cores, de falar mal da vida dos outros, dono de uma verdade feroz mas sincera e real, qual seria a fórmula própria? O despojamento Grotowskiano? A *secura Beckettiana*? ou o requinte Raciniano? Da tradição do velho circo, repleto de dramas sanguinolentos surge o começo da resposta. Aquele sangue latino cheio de tradição, de honra e de significação total, teria que gerar e comover um público tão primitivo, mas que responde a essas emoções. E o insólito "Louco da Aldeia" se incorporou as nossas tradições. A tristeza de "As duas orfãs" e de "O céu uniu dois corações" geraram uma torrente de lágrimas, inegavelmente fruto de uma união entre o trabalho do saltibanco e um público

ávido de emoção. Do "Ébrio" de Vicente Celestino encontramos as filas que, nos cinemas do interior ainda mostram fortemente nossas raízes.

Não se pode esquecer, ao falar em teatro popular, na formulação de valores básicos para a receita do encontro com o povo, da violência, paixão e ódio, crítica mordaz e alegria contagiante - uma fórmula própria. O público deve rir muito, chorar um pouco e se encantar demais.

Durante séculos o teatro tem sua ligação estritamente com a cultura onde ele aparece. A liberdade de expressão e o uso de signos comuns fazem dele um veículo forte e magnético.

Assim é que, durante sua longa caminhada em busca da compreensão do homem e de sua realidade, o teatro se torna forte, quando estabelece uma relação social básica entre o público e os atores, através de um texto comum aos dois.

Para a formulação de noções em torno do teatro popular brasileiro é necessário que se faça uma análise de uma cultura feita de aculturações. Da chegada de Cabral até ao movimento do TBC, o teatro brasileiro foi sempre alimentado por uma nostalgia cultural de uma tradição inexistente no país. O brasileiro passou cerca de quatro séculos encantado com a tradição da corte. Ali as novidades surgiam e faziam o deslumbramento do saraus mais provincianos. Das quinilharias oferecidas aos índios, diga-se de passagem, os primeiros brasileiros, até aos movimentos inspirados pela cultura de massas da aldeia global, o brasileiro importou sempre idéias e costumes.

Assim é que estamos ligados a uma cultura européia, se bem que a incorporação destes elementos tenha recebido a interferência do célebre jeitinho tupiniquim brasileiro. E aí que toca ponto.

Filho de um país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza, não se pode esquecer que o brasileiro está afeto a um espírito primitivo. Ele abriga em si um Deus cristão e uma divindade de candomblé. Prosterne-se na Semana Santa, nas procissões de Mariana e Ouro Preto e se entrega aos ritos pagãos do carnaval.

Toda esta contradição, gerada por um sangue latino, um primitivismo atávico, vai marcar a diferença na preferência de um público pelos espetáculos de massa. O clima épico está ligado à narrativa das pretas velhas contando histórias antigas.

Assim ele quer participar do rito e o fará sempre que um código comum for delimitado. A figuração de cores fortes e o desenvolvimento de uma realidade mágica definem um processo narrativo impregnado de atmosfera surreal.

Assim surge uma proposição redescoberta, proposta pelo tropicalismo, agora sendo reincorporada. Uma necessidade fluente de expressão. E onde anda este teatro brasileiro, ele está guardado sob o véu pudico. Onde não se pode denunciar as suas opiniões. Onde o bem-comum começou a surgir como bem de alguns. Isso talvez seja um entrave. Mas está escrito que, quando é intensificada uma pressão censória a informação oral recrudescer. E assim um novo código referencial começa a ser buscado e o público passa a interpretar cores, silêncios e alegria como um novo código.

E nesse momento que surge o circo com sua máscara, onde a desgraça do palhaço - povo personificado - é celebrada, chorada e ridicularizada. E no século XX o teatro brasileiro tem a necessidade deste histrião.

Para o encontro do público, num diapasão mais alto, é preciso que o teatro junte sua realidade ao encantamento. E assim a fórmula luminosa do palco de revista deve ser novamente investigada. A tradição da burleta, para um povo que adora dançar, não pode ser esquecida.

O rito carnavalesco, quer no burlesco que atinge um roteiro de "criticar, rindo, homens e costumes", ou no brilho das fantasias, deve ser incorporado.

O visual, o plástico, sem uma formulação exagerada, deve ser criado como novo código referencial. Da união da crítica de costumes, da chanchada de circo e da caminhada opinativa, fruto da própria expressão do povo, pode surgir um teatro fiel a este público.

A realidade e o mágico devem andar de mãos dadas neste caminho e para isto não se pode esquecer da função de lazer, que é essencial ao teatro. Assim, com a liberdade de diversão, o povo pode encontrar seu caminho, descontrair-se de forma aberta e castigar aqueles que insistem em escolher, em nome do bom gosto ou de um paternalismo autoderminante, o que é melhor. Pois para ele o melhor é aquilo que interliga sua emoção a seus momentos reais. E sua resposta está na falta que ele faz nas casas de espetáculos. Pois Teatro Popular é aquele feito da melhor maneira possível a uma cultura e dirigindo-se diretamente a esta cultura.

O Grupo Divulgação, ao encerrar as comemorações do ano do seu décimo aniversário, presta uma homenagem a todos que ajudaram a tecer sua história e a realizar um trabalho pelo teatro em Juiz de Fora:

José Luiz Ribeiro
 Maria Lúcia Campanha da Rocha Ribeiro
 Lucy Maria Brandão
 Maria de Lourdes Herédia
 Maria de Lourdes Correia Santos
 Rosaly Lopes
 Ronaldo Borges de Mattos
 Leila Marques do Amaral
 Sergio Roberto Lessa
 Roberto Lessa
 Stela Maria Lírio Reis
 Paulo Augusto
 Sidiven Ribeiro
 Eraldo Xavier
 Maria Inês Côrtes Oliveira
 Alceu
 Dina Macário
 Dirceu Campos
 Suelli Costa
 Terezinha de Lisieux Costa
 Telma Costa
 Gilson Castro Cesar
 Daltoni Nobrega
 Roberto Alves Monteiro
 Janete Maria
 Rosângela Bicalho
 Maria Helena Fialho
 Léa Cliford Kegelle Lignani
 Nelma Sandra G. Fróes
 Zaine Salomão
 Moacyr do Carmo
 Antonio Augusto de Oliveira
 Beatriz Martins
 Roberto Pedreira
 Antonio Resende Guedes
 Paulo César
 José Jacinto Melquides
 Maria das Graças
 Maria de Fátima
 Rita Luz
 Maria Aparecida Costa
 Euzenita Martins
 Edna Costa
 Manoel Querino
 Gerson Natalino
 Reuder Gonçalves

Rogério Costa Dacorso
 Maria Celeste Emerick
 Martha Sirimarco Guedes
 Milton Passos
 José Eduardo Benevello de Castro
 Herval C. Bras
 Iveraldo José de Oliveira
 Francisco Xavier do Amaral
 Antonio Eduardo M. da Silva
 Amado R. Netto Filho
 Lucas Marques do Amaral
 Dino Zuchi
 Genival de Carvalho
 Eloisio Furtado
 Mauro Rodrigues
 Mauro Lúcio
 Noel Henrique
 Ana Helena Curty
 José Luiz Rodrigues
 Wilson Cid
 Vera Maria Monteiro de Castro
 Iara de Carvalho
 Ana Maria Curty
 Daura Maria de Carvalho
 Maria de Fátima Duarte Gomes
 Maria Cristina Brandão
 Sonia Neves Boechat
 Vanda Teodoro
 Elaine Vieira
 Isabel Cristina Mauad
 Terezinha Galhardo
 Maria Cristina Guedes
 Ronaldo Agrícola
 Iverson Bisaggio
 Ivan José
 Jairo Radhar Schimdt
 Chistoper James Ellner
 José Carlos Leicester
 Josemir Eustáquio de Oliveira
 Sandra Emília Costa
 Enio Rocha Barbosa
 Glênio Sanchez Ferreira
 Lêda Maria Linhares Nagle
 José Eduardo Lessa Aucuri
 Euler Magalhaes
 Sérgio Lessa Arcuri
 Francisco Dias Netto
 Berenice Pinheiro de Paula
 Olinda Procópio Ribeiro
 Robson Terra
 Cláudio Lacerda e Silva
 Ana Maria Silva
 Luiz André de Filippo
 José Luiz Villar Lignani
 Virginia Claes Arbex

Luiz Augusto Egýpto Cerqueira
 Ângela Maria de Carvalho e Cavalcanti
 Maria Imaculada M. Lima
 Maria José Ribeiro da Silva
 Beatriz Coelho da Silva
 Rita de Cássia V. Penna
 Cecília Brandao
 Maria Lúcia Lopes
 Gláucia Lacerda e Silva
 Candida Knopp
 Virgínia Paes
 Maria Auxiliadora R. de Oliveira
 José Alberto Metri Pinto
 José Mourao Villani
 Ronaldo Tadeu Maia
 Gabriel Pimenta
 Nelson Bispo
 Maria José
 Carlos Augusto Gomes
 Domingos Teixeira
 Márcio Itaborai
 Maurício Tapajós
 Julieta Gonçalves
 Eduardo Wilson Arbex
 Renato Dias Filho
 Pedro paulo Silva
 Sheila Brasileiro
 Cleber Ambrósio
 Alberto Coura
 Ronaldo Maia
 José Alberto de Pinho Neves
 Charles Korceginsky
 Maria de Fatima Nicolato
 Hermantina Beraldo
 Delma de Souza Rocha
 Marcos Luiz Bara
 Jose Sales Pimenta
 Jose Renato Pipa
 Neise Borges
 Paulo de Tarso Coelho
 Carlos Salazar
 João Tavares
 Luiz Marcos Sinhorotto
 Moacyr Girardi de Paula
 Marilane Campos
 Manot Medina
 Heloisa Soto Maior
 Heloisa do Patrocínio
 Célia Sobral
 Jorge Couri
 Mariquita Campanha da Rocha
 Alberto José da Rocha
 Hermano Procópio Cheker
 Ana Maria Mendes
 Elizabeth Dalmona

GRUPO DIVULGAÇÃO 10 ANOS DE TEATRO



1966 - Fundação do Centro de Estudos Teatrais, órgão destinado a estudar e divulgar a cultura artística e teatral e desenvolver o gosto pelo teatro na Juventude, principalmente nos meios estudantis.

1966 - "AMOR EM VERSO E CANÇÃO" - Primeiro espetáculo aberto ao público. Coletânea de poemas de Jorge Lima, Vinícius de Moraes, Pablo Neruda, Carlos Drummond de Andrade e Olavo Bilac. Espetáculo que apresenta alguns recursos cênicos nunca antes utilizados em Juiz de Fora como a trilha sonora, projeção de slides e a representação em arena.

1966 - Grupo Divulgação participa da II Semana Juizforana de Folclore com a apresentação de um "ESTUDO DRAMÁTICO DA FILOSOFIA POPULAR CONTIDA NO POEMA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETTO MORTE E VIDA SEVERINA".

1966 - Semana da Comunidade em Tabuleiro - Montagem enfiando a obra de Carlos Drummond de Andrade "O HOMEM DO SÉCULO XX". O espetáculo foi posteriormente repetido como ilustração a uma conferência sobre a obra do poeta, proferida pelo professor Emilio Agostinho Giacomini, durante a semana da Literatura Brasileira, na Faculdade de Filosofia e Letras da UFJF.

1966 - Primeiro lugar no Festival de Arte da UFJF com o poema "OS Sapos" de Cassiano Ricardo.

1967 - Ciclo de estudos sobre a Trágédia Grega, com a leitura de "ANTÍGONA" e "ELECTRA" de Sófocles.

1967 - Terceira Semana Juizforana do Folclore - apresentação dramática de "CANCIONEIRO DE LAMPIÃO", baseada no poema de Nerthan Macedo

adaptado por José Luiz Ribeiro, com música de Suelli Costa, espetáculo que mereceu cinco prêmios oferecidos pelo CAIT (Centro Autônomo de Incentivo Teatral): Melhor Grupo, Espetáculo, Figurino, Música de Teatro e prêmio de atriz revelação.

1967 - Espetáculo "ANTOLOGIA DA MULHER" e "O URSO" de Anton Tchekhov. Engloba em sua primeira parte textos de Salomão, Sófocles, García Llorca, Brecht, Drummond e Jorge Andrade.

1967 - Estudo de "BODAS DE SANGUE" de Federico García Llorca e promoção, nos estabelecimentos de ensino secundário, de incentivo às atividades dramáticas dos estudantes, dirigindo a montagem de "CANÇÃO PARA UMA PRINCESA", peça didática sobre a história de Juiz de Fora, de autoria de José Luiz Ribeiro

e da peça infantil "A GATA BORRALHEIRA" de Maria Clara Machado.

1968 - Ciclo de palestras sobre Federico García Lorca.

1968 - Montagem de "BODAS DE SANGUE" de Lorca.

1968 - Curso básico de teatro com as seguintes disciplinas: Evolução e Comunicação do Espetáculo; Técnica Vocal; Dicção e Expressão Vocal; Expressão Corporal, numa promoção conjunta com a Faculdade de Filosofia e Letras da UFJF.

1968 - Ciclo de estudos sobre Teatro Russo, em especial sobre a obra de Máximo Gorki, em comemoração ao centenário do grande dramaturgo, contando com a participação do ator Luiz Linhares, que apresentou seu testemunho como integrante da montagem de "PEQUENOS BURGUESES" pelo Grupo Oficina de São Paulo.

1968 - Início dos trabalhos de montagem de "ELECTRA", de Sófocles, contando com uma exposição didática montada no hall do teatro e formando um painel do Teatro Grego e dos grandes trágicos.

1968 - Participação no Festival de Arte da UFJF, recebendo primeiro e segundo lugares no setor individual e primeira colocação no setor. Grupos, com o poema de Affonso Romano de Sant'ana, "POEMA PARA MEDGAR EVERS".

1969 - Ciclo de palestras sobre cultura teatral, juntamente com o Instituto Granbery com os temas: O teatro na escola secundária; As raízes do teatro grego; O texto dramático.

1969 - Montagem do espetáculo "DIÁRIO DE UM LOUCO" de Gogol, em adaptação de Rubem Rocha Filho.

1969 - Montagem de "PEQUENOS BURGUESES" de Máximo Gorki, recebendo, em sua estréia a presença de Rubem Rocha Filho que proferiu palestra sobre o teatro de estudantes e sua missão cultural.

1969 - Curso sobre cultura teatral com os seguintes temas: O teatro grego; A montagem teatral; O teatro na escola; A comédia, a tragédia e o drama; Breve visão da história do teatro.

1970 - Em colaboração com o Instituto Granbery, realização de palestras sobre: A comunicação do espetáculo; O gênero dramático; O espetáculo teatral.

1970 - Ciclo de estudos sobre o Teatro, no Colégio Nossa Senhora do Carmo, com as seguintes palestras: Evolução do teatro; O gênero dramático; A caracterização no teatro; A importância da expressão vocal; O texto dramático; O teatro infantil.

1970 - O Grupo Divulgação recebe do Prêmio Municipal de Teatro os seguintes troféus: Melhor Grupo, pelo trabalho de difusão cultural; Melhor Ator; Melhor Diretor; Melhor Ator Coadjuvante; Melhor Figurino; Melhor Espetáculo e Prêmio Atriz Revelação.

1971 - Curso sobre Valores do Teatro para universitários.

1971 - Montagem de "ESCORIAL" de Michel de Ghelderode

1971 - Apresentação de "ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA" de Cecília Meireles em espetáculo em praça pública, abrindo oficialmente o MERCARTE, promovido pelo DCE-UFJF.

1971 - Apresentação de "MARIA STUART" de Friedrich von Schiller, precedida de um ciclo de estudos sobre o Romantismo Alemão e as obras de Goethe e Schiller. A estréia contou com a presença do Embaixador Paschoal Carlos Magno, que viera a Juiz de Fora para conhecer o trabalho do Grupo.

1971 - VIII Festival de Teatro Amador da Guanabara promovido pela Associação de Teatro Amador com o Espetáculo **CANCIONEIRO DE LAMPIÃO** de Nerthan Macedo, recebendo a segunda colocação com apenas um ponto de diferença do primeiro colocado, conseguindo os seguintes troféus: Troféu João Caetano (referente a classificação na chave OT), Troféu João Barbosa (direção), Troféu Cilda Becker (atriz), Troféu Jaime Costa (Ator), Troféu Calixto Cordeiro (figurino), Troféu Santa Rosa (cenário), Troféu Glaucê Rocha (destaque de coro e direção musical).

1971 - Prêmio Municipal de Teatro: Melhor Grupo, Melhor Ator, Melhor Atriz, Melhor Ator Coadjuvante, Melhor Atriz Coadjuvante, Ator Revelação, Melhor Figurino, Melhor Diretor, Melhor Espetáculo.

1972 - Montagem de **A MORTA** de Oswald de Andrade. A peça estreou em Juiz de Fora inaugurando o Fórum da Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora com a presença do Embaixador Paschoal Carlos Magno.

1972 - I Encontro Nacional de Teatro Jovem promovido pelo governo do Estado do Rio de Janeiro e realizado em Niterói. Com a peça **A MORTA**, o Divulgação conquista a primeira colocação merecendo o Troféu Sesquicentenário da Independência conferido ao espetáculo vencedor, além do Troféu Melhor Atriz Coadjuvante.

1972 - Espetáculos de cunho didático: **BELMIRO, MURILO e PEDRO NAVA e CAMÕES, CANTO DE UMA NAÇÃO**, apresentados no Cine-Teatro Central, Rectoria da UFJF, Fundação Educacional de Bem-Estar do Menor e na Academia de Comércio.

1972 - Ciclo de estudos sobre Bertold Brecht, sua obra e seu método, e sobre Teatro Brasileiro.

1972 - Apresentação de **O PATINHO TORTO OU OS MISTÉRIOS DO SEXO** de Coelho Neto, inaugurando o teatro da extinta EXPO-SEC da Secretaria de Educação e Cultura da PMJF.

1972 - Prêmio Municipal de Teatro: Melhor Grupo, Melhor Ator, Melhor Atriz, Melhor Ator Coadjuvante, Melhor Atriz Coadjuvante, Atriz Revelação, Melhor Diretor, Ator Revelação e Melhor Figurino.

1973 - Criação do Departamento de Teatro Infantil.

1973 - Seminário de teatro infantil com os seguintes temas: Importância do Teatro Infantil, Teatro de Criança e Teatro para criança, Teatro de Bonecos, Teatro de Sombras, Autores Infantis.

1973 - Montagem da peça infantil **A ONÇA DE ASAS** de Walmir Ayala que contou com a presença do autor e de Paschoal Carlos Magno.

1973 - Ciclo de Estudos sobre Federico García Lorca.

1973 - Curso Valores do Teatro para universitários.

1973 - Montagem de **YERMA** de Federico García Lorca, com música especialmente composta por Maurício Tapajós, que esteve presente à estréia da peça.

1973 - Curso Valores do Teatro para universitários e novamente para secundaristas.

1973 - Ciclo de estudos sobre Bertold Brecht.

1973 - Ciclo de Estudos sobre a Revolução Francesa e leitura de **MARATSADE** de Peter Weiss.

1973 - Montagem da peça **SEIS PERSONAGENS À PROCURA DE UM AUTOR**, de Pirandello.

1973 - I Festival Nacional de Teatro Amador (**FENATA**), promovido pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, no Paraná. Com a peça **SEIS PERSONAGENS À PROCURA DE UM AUTOR** o Grupo Divulgação recebe oito dos nove prêmios oferecidos, respectivamente: melhor espetáculo, diretor, ator, atriz, figurino, iluminação, atriz coadjuvante e melhor cenário.

1973 - Prêmio Municipal de Teatro: melhor Grupo, ator revelação e melhor figurino.

1974 - Ensaio e preparação para a montagem de **CANCIONEIRO DE LAMPIÃO**, de Nerthan Macedo em adaptação de José Luiz Ribeiro, para apresentação na **BARCA DA CULTURA**.

1974 - Ensaio e preparação dos espetáculos de fantoche, **MARIQUITA DOS GIRASSÓIS e UM FOGUETE MUITO DOIDO**, para apresentação na **BARCA DA CULTURA**.

1974 - Saída para a **BARCA DA CULTURA**, em fevereiro, com os espetáculos - **CANCIONEIRO DE LAMPIÃO - MARIQUITA DOS GIRASSÓIS e UM FOGUETE MUITO DOIDO** (fantoche) PERCURSO: Pirapora, São Romão, São Francisco, Januária, Manga, Carinhanha, Bom Jesus da Lapa, Paratinga, Ibotirama, Morpará, Barra, Xique-Xique, Remanso, Casa Nova, Maria da Cruz, Juazeiro, Petrolina, Salgueiro, Juazeiro do Norte, Barbalho, Senador Pompeu, Crato, Iguatu, Sobral, Piracuruca, Teresina, Caxias, Codó, São Luiz, Bacabal, Capanema, Belém, Castanhal, Imperatriz, Porto Franco, Araguaína, Guaraí, Torangatu, Ceres e Brasília.

1974 - Elaboração do texto didático englobando vida e obra do poeta português Fernando Pessoa, organizado para o espetáculo **NAVEGAR É PRECISO**.

1974 - Apresentação, no Forum da Cultura, do espetáculo **CANCIONEIRO DE LAMPIÃO**, com exposição sobre a figura de Lampião e artesanato nordestino, no saguão do teatro. Temporada realizada de 19 de abril a 1º de maio, recebendo a presença do autor Nerthan Macedo, Maestro Carlos Eduardo Prates e outras personalidades da vida cultural Brasileira.

1974 - Apresentação gratuita de **CANCIONEIRO DE LAMPIÃO** em bairros da cidade, num trabalho de levar o teatro ao povo. São Bernardo, Jockey Club, Vila São Benedito e Linhares, com um espetáculo realizado na FEBEM, foram os locais visitados.

1974 - O Departamento de Teatro Infantil dá início a um trabalho centrado na criança através de espetáculos de bonecos, intercalados com canções infantis com gestual coreográfico e concluído por orientação direta sobre a confecção e manuseio dos fantoches. Os trabalhos foram apresentados durante todo o ano na sala de ensaios do Grupo Divulgação, no Forum da Cultura, especialmente adaptada para o acontecimento.

1974 - Participação no VIII Festival de Inverno, promovido pela UFMG com a apresentação do espetáculo **SEIS PERSONAGENS À PROCURA DE UM AUTOR**, de Pirandello, nas cidades mineiras de Ouro Preto, Itabira, Sabará, Belo Horizonte, São João Del Rei e Santa Luzia.

1974 - Participação no Festival Nacional de Teatro em São João Del Rei e no Seminário sobre o Ensino do Teatro no Brasil.

1974 - Curso de Formação de Ator, englobando as áreas de Expressão Corporal, Sensibilização, Técnica e Expressão Vocal, Interpretação, Improvisação e Expressão Dramática. O trabalho teve como base os métodos de Stanislavski, Brecht, princípios de Grotovski e Comedia Dell'Arte e se apoiou no texto elaborado sobre Fernando Pessoa, complementado por ciclo de estudos.

1974 - Adaptação do texto de Gil Vicente **A FARSA DO VELHO DA HORTA**, para espetáculos de bonecos.

1974 - Ensaios e preparação para a montagem de **AS CRIADAS**, de Jean Genet, precedida de Ciclo de Estudos sobre a obra do autor e sobre Teatro do Absurdo.

1974 - Apresentação, no Forum da Cultura, da peça **AS CRIADAS**, de Jean Genet, com exposição sobre cenografia tcheca, baseada nos trabalhos apresentados na Bienal de Praga e cedida pelo Serviço Nacional de Teatro.

1974 - Participação do Diretor de Espetáculos do Grupo Divulgação, Prof. José Luiz Ribeiro, no I ENCONTRO NACIONAL DE DIRETORES DE TE-

ATRO AMADOR, realizado em Petrópolis, quando foi eleito representante de Minas Gerais na Regional de Teatro Amador.

1974 - Preparação e estudos de fundamentação para a montagem de mais uma peça infantil, centrados no texto **O CIRCO DE BONECOS**, de Oscar Von Pfuhl com a participação de novos elementos e incluindo trabalhos experimentais, para apresentação em 1975.

1974 - Apresentação de espetáculo de fantoches aberto ao público realizado no Parque Halfeld, em comemoração ao Dia da Criança, em promoção conjunta com a Rádio Industrial.

1974 - Apresentação de espetáculo de fantoches no Clube do Papo, em comemoração ao Dia da Criança.

1974 - Apresentação de espetáculo de fantoches na Associação Atlética Banco do Brasil, em comemoração ao Dia da Criança.

1974 - **CURSO SOBRE TEATRO BRASILEIRO** - sob os auspícios da UFJF, coordenação do Serviço Nacional de Teatro e promoção do Grupo Divulgação realizado no Colégio Magister. O curso constou de palestras proferidas por alguns dos mais importantes nomes do Teatro Brasileiro da atualidade: Bárbara Heliodora, professora de Teatro da FFFFG, doutorada em Shakespeare, ex-presidente do Serviço Nacional de Teatro (Movimentos Precursores e Panorama Atual do Teatro Brasileiro); Flávio Rangel, diretor Teatral, responsável por importantes montagens do teatro brasileiro (O diretor no Teatro Brasileiro); Ari Fontoura, ator profissional participante de vários espetáculos-marco do teatro brasileiro, entre os quais **ONDE CANTA O SABIÁ**, de Gastão Tojeiro, sob direção de Paulo Afonso Grisoli, e destacado por seu desempenho em papéis característicos na televisão (O ator no Teatro Brasileiro). O curso contou ainda com a participação do prof. José Luiz Ribeiro, responsável pela apresentação do tema "O Autor no Teatro Brasileiro".

1975 - Realização do curso "Valores do Teatro", constando de cinco palestras em torno dos temas: O ator, o Texto Teatral, A Direção, A Cenografia, O Espetáculo.

1975 - Realização de um curso de seis meses de Formação de Ator, com laboratórios de interpretação, expressão corporal e expressão vocal realizados diariamente com aplicação prática em trabalhos sobre os textos: "A SOMBRA DO DESFILADEIRO" e "A CAVALGADA PARA O MAR", de Synge.

1975 - Participação no Festival Nacional de Teatro de Estudantes, em Arcozelo, com o espetáculo **O CIRCO DE BONECOS**, de Oscar Von Pfuhl.

1975 - Apresentação de **O CIRCO DE BONECOS**, de Oscar Von Pfuhl em Juiz de Fora, no Forum da Cultura.

1975 - Realização do Seminário **O ATOR E SUA EXPRESSÃO**, realizado

no Forum da Cultura, sala do Grupo Divulgação.

1975 - Curso: "O Teatro na educação", realizado em colaboração com a UFJF e o Serviço Nacional de Teatro, com palestras proferidas por Amicy Santos, Martha Rossman, Clovis Levy, Ana Maria Machado e Jose Arrabal.

1975 - Inauguração de um pequeno teatro de bolso do Grupo Divulgação, destinado à montagem de textos experimentais e a formação de atores.

1975 - Apresentação do Ciclo do Absurdo, espetáculo reunindo um audiovisual sobre Teatro do Absurdo e a montagem dos textos **A MENINA CASADOIRA**, de Eugène Ionesco e **PICNIC NO FRONT**, de Fernando Arrabal, como conclusão do Curso de Formação de Ator.

1975 - Participação no IX Festival de Inverno, dentro do Festival Nacional de Teatro Infantil, realizado em Belo Horizonte.

1975 - Apresentação do espetáculo **ARLEQUIM SERVIDOR DE DOIS ANOS**, de Carlo Goldoni, no Forum da Cultura.

1975 - Realização de Ciclo de Estudos sobre a obra de Albert Camus e leitura de **CALÍGULA**, de Camus.

1975 - Realização de Curso de Formação de Ator.

1975 - Participação no Festival Nacional de Teatro Amador promovido pela FENATA, com a apresentação de **ARLEQUIM SERVIDOR DE DOIS ANOS**, de Goldoni, no Teatro Marília, em Belo Horizonte.

1975 - Orientação de espetáculos realizados por elenco de adolescentes e apresentação de **O VASO SUSPIRADO**, de Francisco Pereira da Silva, **A VISITA**, texto de criação coletiva, e do show musical **PEQUENO ROTEIRO DA MPB**.

1976 - Realização de seminário sobre Albert Camus.

1976 - Realização de palestras sobre **CALÍGULA** e **O PENSAMENTO DE CAMUS** nos colégios Stella Matutina, Magister e na Biblioteca Central da Universidade Federal de Juiz de Fora

1976 - Montagem de **CALÍGULA**, de Camus e apresentação em Santos Dumont, Juiz de Fora, São João Del Rei e São João Nepomuceno.

1976 - Exposição sobre Albert Camus e sua obra no Forum da Cultura durante a temporada de **CALÍGULA** em Juiz de Fora.

1976 - Participação em Seminário sobre Constantin Stanislavski, realizado em Belo Horizonte.

1976 - Realização de mais um Curso de Formação de Ator.

1976 - Montagem e apresentação da peça **GUERRA MAIS OU MENOS SANTA**, de Mario Brasini, em Juiz de Fora, Belo Horizonte e várias cidades do interior mineiro.

MUITO RISO, POUCO SISO.

Tudo começou quando os jesuítas, entusiasmados com a perspectiva de dar aos índios uma lição viva de bons costumes do corpo e da alma, resolveram concretizar a primeira importação de nossa arte dramática - o auto. Entretanto logo compreenderam que a siseudez das ameaças infernais não conseguiriam interessar ao elemento nacional. E a solução foi cobrir o "pecador" de ridículo e, através do riso, realizar sua catarse purificadora.

Esta condução do público através do riso foi uma das primeiras adaptações sofrida pelo costume medieval que se constituiu no primeiro passo de nosso teatro. E através dos tempos o riso mostraria estar presente em todos os momentos em que nossa tímida dramaturgia parecia ficar pé.

Pouco nos valeram os sonhos acadêmicos ou os solenes gestos românticos. Será através de meirinhos, pedestres, jovens noviços e enamorados que entram e saem de armários que veremos surgir o "Molière" brasileiro, o gozador Martins Pena. Num obra ingênua e divertida que se mantém de pé brasileiromente até nossos dias, aquele que poderíamos chamar de iniciador de uma dramaturgia nacional não se esforçou por analisar em profundidade a realidade brasileira. Pelo contrário, intuitivamente, dando uma pincelada aqui ou

tra ali acabou por deixar um painel de nossos costumes filtrado num humor tão brasileiro que resiste até às investidas altamente perigosas da televisão.

E há muita seriedade na afirmativa de Artur de Azevedo quando se decide a utilizar a pena para se dirigir, não aos que o criticam por não copiar a moda da seriedade, mas para falar àqueles que se satisfazem com sua simplicidade. Atrás deste despojamento de maiores intenções surge a grande força de afirmação do espetáculo brasileiro - o teatro de revista, a burlesca, a ópera cômica. E aí Azevedo é mestre supremo.

Neste momento não são necessários planos governamentais para levar o povo ao teatro, simplesmente

porque o teatro é do povo. Ele lhe oferece tudo o que quer: cores, luxo, música, riso, luzes, belas figuras. A irreverência erótica das piadinhas de beira de calçada, os trocadilhos picantes, as piadas que correm mesas de botequins e que não poupam as mais destacadas figuras da sociedade ou da vida pública e que satiriza os problemas mais profundos da vida do brasileiro, tudo isto somado seriam os ingredientes básicos da revista. Acrescente-se agora o tempero de uma profusão de luzes, cores, luxo, belas coristas, e muito samba que a receita estará pronta para ser servida a um povo que sente sua linguagem no palco.

A revista ganha tamanha força que se torna responsável por expressões de nosso vocabulário diário, suas piadas se tornam folclóricas e ela a responsável pelo lançamento dos grandes sucessos do carnaval. O êxito é tamanho que nasce, sua filha dileta, a chanchada no cinema nacional.

Hoje a intelectualidade se encarregará de minar-lhe as bases, não apenas pela contraposição de espetáculos sofisticados, mas transformando-a em superespetáculos americanizados para agradar turistas. Da morte da revista morre também a semente de um teatro popular brasileiro, cujos rumos até hoje as mais diversas correntes procuram encontrar.

Mas nem apenas de veleidades vive a tradição cômica do teatro brasileiro e, herdeiro de Martins Pena e Artur de Azevedo, França Júnior procura aprofundar sua descrição satírica dos costumes brasileiros. Mais malicioso e mais cruel que o ingênuo "Molière" e menos povo que Azevedo deixa-nos mais um alento ao riso. Ainda que obrigada pela censura da época a mudar o tempo do verbo presente para o pretérito, "Como se fazia um deputado" poderia perfeitamente se associar à "Guerra mais ou menos santa" de nosso contemporâneo Mário Brasini para nos dar um bom painel das distorções dos planos eleitorais num país despolitizado onde o "Voto de cabresto" não pode ser esquecido.

seu grupo de artistas maravilhosos. Mas a raiva passa. Porque eles agora decidiram fazer a gente rir um bom riso popular. E se o Divulgaçãõ decide - a gente ri. Essa guerra que não tem nada de santa, é uma festa de alegria, música e cor. As meninas da Filó podem ser vigaristas, mas ninguém é picareta nesse trabalho de amor. De amor ao teatro. Do Brasil e do mundo. Mais uma vitória de beleza e bom gosto do Divulgaçãõ.

Ha um trágico humor no grande renovador do teatro nacional - Nelson Rodrigues - anatomista que disseca a classe média do subúrbio e da zona norte carioca. Naquelas figuras grotescas e cotidianas, na aridez de uma vida que não dá tempo para respeitar os padrões morais estabelecidos, na luta inglória da virtude contra a selvageria da sobrevivência paira um lirismo irônico de profunda dramaticidade trágica. E o publico ri para não chorar.

Como ri da marginalidade assustadora dos "Dois Perdidos" de Plínio Marcos, ou da figura patética de Veludo na "Navalha na Carne". Existirá algo mais cômico que a metáfora violentamente lúcida do teatro de Oswald de Andrade? Em seus Abelardos, seus Joãozinho-dos divãs, seus poetas e mortos?

Mas da tradição nordestina o fio dos jesuítas é retomado por Ariano Suassuna que, armando um circo, traça um painel cômico de sociologia nordestina: desonestidade de padres e bispos, cangaço, exploração do mais fraco pelo mais forte, lei de coronéis, promessas e cordel, fazem rir qualquer tipo de plateia através do raciocínio claro e malicioso de um João Grilo e de um Chicó - protótipos do povo brasileiro.

Se empreendermos, não da maneira atabalhoada e rápida com que o fizemos, mas em profundidade, uma análise da presença do elemento cômico nos melhores e mais vitais momentos da dramaturgia nacional, encontraremos aí, talvez, a solução tão procurada pelos dramaturgos brasileiros. Se a dramaturgia francesa é cerebral, se a tônica do teatro americano é logo identificada com os musicais, se o "Humor" britânico e fleugmático e visceral, se o idealismo povoava a dramaturgia alemã, é preciso lembrar de que as mais indiscutíveis expressões do povo brasileiro são a escola de samba, o jogo de futebol transformado em mestria de criatividade individual e garra, e a capacidade histriônica de tirar da desgraça uma piada.

CARTA

Quando conheci o Grupo Divulgaçãõ, há quatro anos, ele trouxe para Juiz de Fora quase todos os prêmios do I FENATA da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no Paraná. A peça era a obra-prima de Pirandello, "Seis Personagens a Procura de um Autor". Poucas vezes uma pe-

Depois disso não perdi nenhuma das realizações do Divulgaçãõ e só lamento os seis anos de belo trabalho que não vi, por não ter conhecido este pessoal desde seus primeiros dias. Dá raiva ter perdido Yerma, Escorial, Maria Stuart, Escola de Mulheres, obras-primas encenadas por Zé Luiz e

Pontes de Paula Lima

O AUTOR

Mário Brasini é, inegavelmente, um homem de teatro amador. Embora reconhecido como o profissional da mais alta competência que, durante anos, se dedicou ao rádio e à TV, em importantes projetos e espetáculo, ele não deixa, com sua voz grave e retumbante, os tempos de teatro de estudantes desaparecerem de seu currículo.

Autor de inúmeros textos - alguns liberados, outros não - recebeu seu primeiro prêmio com a peça "ESTUDANTES", destacada por um júri que incorporava o escritor Aníbal Machado.

Sua vida de teatro tem início quando, aos dezito anos, pertenceu ao Teatro Santo Antônio e depois à Filodramática Populo Laboro. Mussolini buscava conservar a tradição do povo em companhias dramáticas que representavam em língua italiana. Ali bebe os ensinamentos de um dos maiores atores da época - Giorgio Lamberti. Depois do aprendizado passa a um teatro eminentemente brasileiro.

Fundador, em 1941, do Teatro Acadêmico, cria logo depois, o Teatro da UNE. Era uma oposição ao teatro de Bárbara Carneiro de Mendonça e, ainda, ao protetorado de Getúlio Vargas. Tempos depois, funda, com Gerusa Camões, o Teatro Universitário. Era a época do Ministro Capanema e, assim, houve um apoio governamen-

tal à obra, que pode conseguir um padrão de alta qualidade.

Em 1947 ingressa na vida profissional com a Cia. Artistas do Povo. Nesta época, eram seus companheiros Vanda Lacerda e Milton Carneiro.

O rádio, porém, reclamava a presença de Brasini e ele é requisitado pela TV Tupi, realizando aí um trabalho de grande significação, seguindo, depois, para São Paulo, onde dirige o canal 5 da Organização Victor Costa.

Convocado por Brasília, torna-se assessor do Ministro da Educação, iniciando a criação do Centro de Teledifusão da Universidade de Brasília. Com a revolução de 1964 todo este trabalho é interrompido e ele volta para o Rio, onde trabalha na novela "O Desconhecido", de Nelson Rodrigues.

Em sua folha de trabalhos, a "Guerra Mais ou Menos Santa" pontifica como uma obra de crítica e mordacidade. Seu texto se desenvolve de maneira esquemática, quase radiofônica, mas pinta a caricatura de uma época em que se pendurava faixas nas ruas e os candidatos falavam pelos canais de comunicação.

Além desta, escreveu "Tempestade", "Alguém falou de amor" e trabalhou "Moral do Adulterio". Definitivamente proibida pela censura, ele tem seu "300 Heróis de Fuleiró"; acertada para montagem com Eva e seus artistas está "Quinta-feira, sem falta, lá em casa".

"Meu último trabalho é um monólogo. Estou meio desesperançado de que possa ser aprovado pela censura. Embora tudo isto pareça uma grande utopia, pois o título da obra é "O Homem precisa Falar".

"Estou afastado da vida artística há cinco anos. Ela nos dá recompensas, mas a segurança é importante também". E assim, Mário Brasini se retirou da dramaturgia brasileira, como Dias Gomes, Plínio Marcos, José Vicente, e tantos outros. Como é que um autor vai escrever para teatro, se não tem a certeza - mesmo quando premiado, como aconteceu com a obra de Vianinha "Rasga Coração" - não tem a garantia de chegar até ao público, via uma encenação.

Assim é que o autor Mário Brasini é um respeitável homem de negócios, à frente de sua "Ponto Comando Eletrônico", firma encarregada de fazer traduções simultâneas em diversos congressos.

Dono de uma simplicidade profunda, ele solta um riso fácil e diz: "Minha "Guerra" é uma brincadeira, um rascunho para ser vitalizado por atores em sua recriação". Porém, nós achamos que esta "Guerra" é muito séria, pois pinta, com seus fantoches, um quadro negro, onde se precisa escrever, urgentemente, muitas palavras de fé e esperança.

O DIRETOR

Há pessoas para quem o teatro é mais que um hobby ou que uma profissão. É uma espécie de vocação, de opção de vida, e nada tem sentido longe destes metros de tablado, subitamente transformados em altar de graças e de sacrifício. São os chamados homens de teatro. Para eles não basta o exercício do ator, a síntese do diretor, ou qualquer função específica. Para eles o teatro é uma existência global e integrada. Uma vivência completa.

José Luiz Ribeiro é um deles. Se o homem se define por seu trabalho e não pelo que armazena durante a vida, ele não tem nada de seu, mas deixa sempre atrás de si a marca de uma trajetória clara e identificadora. Onde toca, brota uma centelha dramática.

Convivendo desde a infância com fantoches e figuras de papel movimentadas numa caixa de papel iluminada, guarda das poucas apresentações que viu então, no velho cine-teatro Gloria, recordações mágicas e impressões jamais superadas.

Até hoje e esta emoção, esta necessidade visceral de expressão que tem feito de José Luiz uma pessoa ativamente participante da dramática aventura de viver, alguém que deixa sua marca por onde passa.

Brasil espaço 63 e Sinfonia de uma Favela nasceram do início de uma definição. Os passos procuravam identificar as pedras, as curvas e a aspereza do caminho. Era um momento que necessitava de tudo que pudesse extrair de si: as palavras, as formas, os tons e os sons. O mundo

conhecido estava mais dentro do que fora. O código era interior. E José Luiz foi autor, ator e diretor.

Este tempo de convivência amigável no Contato, grupo jovem, típico dos anos 60, lhe ensinou a abrir as janelas e descobrir o exterior. A vivência e atuação na vida universitária lhe forneceram o código coletivo e lhe deram a certeza da opção: teatro, arte social, e parte de si mesmo, de sua enorme ansia de participação no mundo, sua forma de expressão maior.

Para isto abandona as artes plásticas. Por isto inicia uma caminhada de despojamento do individual, da atração de um status a ser conquistado, e se expõe - total e frontalmente - às críticas, aos elogios, ao trabalho e ao sacrifício.

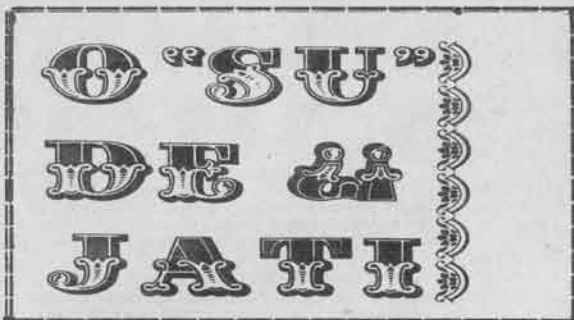
O Centro de Estudos Teatrais é fruto da descoberta consciente do social, do aprofundamento científico na arte milenar, da convivência com Mestre Llorca, o saltibanco da estrela fugaz espanhola, com Neruda, Gorki, os gregos, Jorge Andrade e tantos outros. O Grupo Divulgação é consequência natural da sede criativa.

A estrada agora é ampla e definitiva, ainda que muitos atalhos sejam impostos pelas "condições atmosféricas" e pela consistência frágil do terreno. O rastro deixado é claro e segue no rumo da maturidade que pode ser notada a cada trabalho. Há sempre uma continuidade a cada experiência concretizada. E pode-se notar um tratamento declaradamente ritual que parte de *Electra*, segue por *Escorial*, e se define em *As Criadas*. A magia visual delineada em *Bodas de Sangue* fortalece-se em *Can-*

cioneiro de Lampião, define-se em *Yerma* e *Seis Personagens a procura de um autor*. Um misto de sátira cruel e riso trágico tem origem em *Diário de um Louco*, explode em *A Morta* e equilibra-se no *Calígula* síntese do ritual, cruel e plástico. Há um didatismo no realismo histórico de *Maria Stuart* e mesmo em *Escola de Mulheres*. A *Comédia dell'arte* que havia inspirado momentos do texto de Molière, avulta-se na companhia de *Seis Personagens* e se organiza em *Arlequim Servidor de Dois Amos*. Finalmente a busca de uma expressão nacional desencadeada desde *Cancioneiro de Lampião* revivida em *A Morta*, encontra terreno sólido em *O Patinho Torto* ou *Os Mistérios do Sexo* e enfim em *A Guerra Mais ou Menos Santa*.

Em tempo de São Francisco, a Barca conduzida pelo barqueiro Paschoal leva José Luiz ao contato direto com o povo, com o teatro total, com o chão de terra sobre os pés dos atores. O sertão nordestino e os olhos deslumbrados dos que descobrem a magia teatral solidificam a certeza da escolha. E pouco a pouco qualquer fronteira vai ficando estreita. Se o rio busca o mar, é preciso seguir o inextinguível.

José Luiz Ribeiro, hoje, não é um homem localizado em Juiz de Fora. Seu trabalho em Belo Horizonte, na direção de *O Coronel de Macambira*, os chamados incessantes, começam a ameaçar as amarras que o prendem à origem. Até quando será possível resistir ao apelo interior de crescimento, aquele que é, sobretudo, um homem de teatro?



Não podemos contar, mas já se encontra em nosso poder, desde o semestre passado, a lista das pessoas escolhidas como Destaques Jatiquirense em 1976. Trata-se dos nomes mais significativos e deverão ser homenageados num big baile com Tim e sua orquestra, na grande capela de Jati, cedida por um big shot local.

O futuro economista Cleber Ambrósio, mais conhecido como Juca Pereira, espera deixar a Prefeitura da cidade em condições invejáveis. Já está, inclusive, mantendo contatos com o governo do Estado para instalar um forno elétrico na principal padaria do município.

A senhora Ana Maria Hargreaves Ribeiro está sendo esperada em Jatiqueri. A ilustre dama, tão querida por nós, deverá ser homenageada no "Baile da Gratidão". Todo mundo já ensaiou com muito carinho.

Para o próximo aniversário de Jatiqueri o nosso secretário de Cultura já programou, além de 3 jogos de futebol entre a seleção da cidade e da vizinha Mathias Barbosa, o lançamento da trigésima terceira pedra fundamental do Teatro Municipal de Jatiqueri.

Está programado para o dia 9 a entrega de títulos de cidadãos honorários de Jatiqueri. Entre os agraciados estão os ex-reitores Gilson Salomão, João Martins Ribeiro, Moacir Borges de Mattos, Prof. Murílio Hingel, professor Wilson de Lima Bastos, os jornalistas Wilson Cid e Irvan Cavalieri, os radialistas Natálio Luz, Cláudio Temponi e Helena Bittencourt, além de Walter Sebastião, Décio Lopes, Maria José Feres e seu noivo Gilvan Procópio, Arlindo Dairbert, Joel Neves, Delma Rocha, Emengarda Bracher, Maria de Lourdes Abreu, Almir de Oliveira, Reginaldo Arcuri, Maria Isabel de Souza Santos, Geralda Armond Marques. A festa será regada a vinho no "Cuntry de Jati."

José Renato Pippa procurando se esmerar em seu próximo trabalho.

Depois de ter vivido Hélicon, em Calígula, será agora Melão Tranco, o candidato da posição, carinhosamente chamado Leão.

Ontem, jantando em companhia do meu amigo, Major Feliciano Batista, descobri que Jactiqueri terá grandes novidades no setor de casas noturnas. Major Feliciano deverá financiar um grande evento apresentando belas mulatas do Sargentelli.

Clodomira Pereira, née Virgínia Paes, com uma infinidade de afazeres no campo da assistência social. Depois de combinar com Padre Netto, ela deverá ser a promotora da próxima procissão noturna de Jatiqueri.

Célia Sobral acontecendo no "oxalá", com grande destaque. A menina é sonoplasta e já ganhou a simpatia de toda a Jatiqueri. Ela é engenheiranda e mexe, com habilidade, em computadores.

Doutora Neise Borges se preparando para dar a luz durante a "guerra". Seu trabalho é atinsséptico e está recebendo congratulações de toda a medicina legal e ilegal.

Filomena do Cabrobó organizando a programação de extensão do próximo Congresso de Jornalistas de Jatiqueri. Entre as presenças mais esperadas estão Arides Braga, José Octavio Alkimim, Ismair Zaghetto, Margarida Miranda, Lúcia Schmidt e Xico Teixeira. Filó não sabe o que fazer para agradar às meninas.

Muito aguardada a presença de Iverson Bisaggio e Julio Zanini para a noite do Jatiqueriense ausente. Os importantes colonistas deverão receber homenagens pelo trabalho de divulgação de cultura em suas colunas.

Manot August atende pelo nome de Humberta na casa de Filó. Já foi grande sucesso como mulata do Sargentelli. A menina é uma parada.

Será no próximo domingo a apresentação do Grupo Teatral Divulgação. A peça escolhida foi "A Guerra Mais ou Menos Santa", de Mário Brasini. O autor, radialista de primeira qualidade, é considerado como dono de uma verve impagável.

E da capital do Estado, meu amigo Joaquim Costa, do Palacio das Artes, informa que virá a Jatiqueri para matar as saudades de Filó e suas meninas. Já preparou um smoking roxo para o big baile.

J. D'Angelo anuncia o sesquicentenário de sua peça "Pelos Caminhos de Minas", que será apresentada em Jatiqueri, num circo, em pleno chuveirão.

A cenografia de "A Guerra Mais ou Menos Santa" foi bolada pelo diretor José Luiz Ribeiro, que acaba de regressar da capital do Estado, onde fez um curso de "Urbanismo Indígena", não deixando de visitar, também, o celebre endereço Parana, número 100.

Filomena de Cabobró iniciará, em breve, a construção de um chiquíssimo Motel, de nome Sonho Azul. Será dos mais requintados da América do Sul. Apresentará novidades no setor da alta rotatividade. Aguardem.

O acadêmico de engenharia Luiz Marcos Sinhorotto, depois de ter vivido o jovem Cipião, em Calígula, prepara-se para mudar para Jatiqueri, onde deverá ocupar o cargo de Padre Netto.

Melão Tranco, um dos mais conceituados políticos locais, está se preparando para as próximas eleições. Seu programa deve colocar Jatiqueri como a primeira cidade da América Latina. Só de fontes estão incluídas 20, pelas principais praças da cidade.

Alberto Coura, depois de passar algum tempo em movimentos religiosos, aderiu completamente à missa. Agora ele é sacristão da Matriz desta cidade.

Esta programado para o próximo sábado, as 17 horas, um chá-desfile beneficente. A promoção é da primeira dama do município e apresenta uma enormidade de manecos vindos de Juiz de Fora. A direção do evento está a cargo de D. Sara Abi.

Helô Sotto Maior dando a maior alegria aos papás e mamãs. Motivo: a menina assumiu uma nova vida profissional. Agora ela faz o seu debut como Vanice "Guerra".

Helô Patrocínio, a Nely da "Guerra", recebeu o prêmio de "A Garota Belô n° 1. Repare, na plastica da menina. Ela agradou e despertou paixoes.

O fotógrafo Dudu Arbex trabalhando com muito afinco para a entrega de fotos das meninas da Filó. Entre elas, Marilane Campos conseguiu ser a mais expressiva.